

## **A Graduação em História: algumas considerações para a formação acadêmica e profissional associados à memória**

*Márcio Luiz Rodrigues\**

Quando mencionamos a palavra memória – e isso não é para todas as pessoas, pois cada um possui suas interpretações – nos perpassam algumas sensações e imagens associadas a uma ciência denominada Neurologia, a qual está a cargo de estudar e pesquisar os segmentos desse importante órgão do corpo humano, que é o cérebro. Estudos e pesquisas essas, que culminam em resultados que possam sanar algumas mazelas relacionadas à saúde mental.

Dito isso, memória, por outro lado, pode representar uma gama de eventos, estudos, pesquisas ou probabilidades que vem auxiliar as mais variadas áreas de estudos: das Ciências Exatas, as quais englobam estudos com caracteres restritos a uma cientificidade neutra (a própria Neurologia); e as Ciências Sociais e Humanas, as quais apresentam uma metodologia perceptível tanto ao mundo científico, quanto como as influências do mundo social e cotidiano.

Nesses termos, as ações, pesquisas e estudos baseados na memória, são contribuições significativas na formação social dos cidadãos nas suas vivências – sejam individuais ou coletivas, nas mais variadas sociedades – num determinado tempo significativo, respaldados por uma comunicação entre os mesmos cidadãos:

A memória social não existe fora de um sujeito vivo, membro de um grupo, que se apropria pessoalmente, de imediato de um campo temporal. Ela não pode ter consistência, realidade, sem o sentimento de pertença ao grupo, sem a comunicação entre os seus membros, nem fora de um presente concreto que, através da palavra ou símbolo, torna esse tempo significante. (CITRON apud PAIM, 2005, p. 07).

Feito essas ressalvas, usarei a palavra memória nesse instante para apontar minha trajetória acadêmica e como essa veio contribuir significativamente para a realização profissional na área de Educação Profissional.

É no ano de 2005 que optei por fazer vestibular e ingressar em definitivo no mundo acadêmico. Porém, essa iniciativa veio em virtude de uma manchete do telejornal, a qual abordava os cem anos da revolta da vacina obrigatória, por Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

Nesse momento, notei que a História – área de ensino ligada às Ciências Sociais e Humanas e caracterizada metodologicamente como uma ciência e como uma disciplina nos diferentes espaços educacionais – associada à memória, pode nos proporcionar um entendimento entre presente/passado com “o tempo das mudanças, das transformações [...] como inventário das diferenças” (PAIM, 2005, p.11). Outro aspecto: a história possibilita uma desvinculação de possíveis linearidades, as quais perpassam a ideia de que – e aqui parafraseando Jacques Le Goff – a história da humanidade está representada, muitas vezes, por uma estrada à noite onde os postes de luzes são os principais acontecimentos iluminadores, onde os mesmos ignoram os espaços entre si, demonstrando, no ponto de vista comparativo, a fragilidade das lacunas historiográficas.

Em efeito, após passar no vestibular no ano de 2005 e ingressar no curso, fui apresentado a uma gama de conhecimentos, os quais entrelaçam tanto os segmentos teóricos quanto ações práticas, com “as atividades [...] e a elaboração de conceitos mais complexos, tais como: espaço, tempo e suas múltiplas dimensões” (SANTA CATARINA, 1998, p.165).

Dentro dessa gama de conhecimentos teóricos e disponibilizados pela grade 284/2006, sou agraciado com – entre outras disciplinas de suma importância – a Educação Patrimonial. Uma disciplina que possibilitou melhores entendimentos nas questões ligadas às ciências arqueológicas e museológicas.

Contudo, notei que a disciplina, associada a tais ciências, tem por finalidade tornar os acadêmicos – através de conexões entre presente e passado – sujeitos mais críticos perante as realidades que os rodeiam. Quebrando, assim, a sensação de que a história da humanidade – representada por diversas teorias e dentro das mais variadas instituições educacionais – está calcada em momentos meramente reprodutivos de estórias, contadas e recontadas desde os primeiros anos de nossas vidas.

A saber, antes de detalhar como o curso de História veio contribuir significativamente para minha realização profissional, apontarei um breve relato de minha vida.

Sou de uma família composta de quatro pessoas (pai, mãe e um irmão) e nascido na cidade de São Francisco do Sul, no litoral norte Santa Catarina, no dia 28 de março de 1979.

Ao ter meu pai trabalhando como pedreiro em uma empresa de renome no ramo da construção civil, tínhamos uma mobilidade intensa; pois a mesma percorrera todo o território nacional não dando-nos a possibilidade de paradeiro.

Porto outro lado, quando eu e meu irmão iniciamos nossa trajetória estudantil, fixamo-nos na cidade de Pinhalzinho, no oeste catarinense, na qual residiam os familiares maternos desde 1968.

Em contraponto à satisfação de estarmos fixados em uma cidade tranquila, fomos surpreendidos pela separação de nossos pais. Um fato que suportamos com uma relativa calma, pois tínhamos nossos tios para nos trazer lições dignas e para preencher possíveis lacunas no que se refere à presença masculina no seio familiar.

Já o ano de 2002, nos meus 22 anos, reservaria uma surpresa muito grande: fui pai de uma menina, a qual foi – e continua sendo – umas das minhas aspirações na busca de novos conhecimentos tanto intelectual quanto profissional. Ou seja, é na “formação [...] participativo e consciente do seu momento histórico” (GRUNBERG, 1992, p.179), que vou, aos poucos, desfrutar e aprender a responsabilidade paterna, a qual não pude vivenciar em vir-

tude da separação conjugal de meus pais.

Vale lembrar que, apesar de estar em um tempo longínquo, o exercício de memorização que faço aqui vem mostrar que “as lembranças não emergem como aconteceram e, sim, transformadas pela lente do presente, ou seja, são sempre reconstruções [...] extremamente subjetiva [...] vinculada à personalidade de cada um” (PAIM, 2005, p.02-03), em diferentes níveis da sociedade.

Ao chegar o ano de 2009, veio a conclusão da graduação – mais precisamente no segundo semestre - em História Licenciatura Plena.

No mesmo ano, fui convidado pela administração municipal de Pinhalzinho – gestão 2009/2013 – para ajudar e cooperar nas ações culturais do município. Sobre tudo nas ações ligadas ao Museu Histórico de Pinhalzinho, instituição essa ligada à Prefeitura Municipal do mesmo município, coordenado por Fernanda Beni desde o ano de 2004.

O Museu Histórico de Pinhalzinho foi criado em 03 de setembro de 1988, com o objetivo de guardar e fazer conhecer a memória da comunidade local e regional. Memória essa representada em fotos, objetos, documentos e depoimentos orais, evidenciando, assim, experiências humanas no processo de formação e desenvolvimento do município. Caracterizado também como um espaço lúdico, a intenção maior do Museu Histórico de Pinhalzinho é, ainda, manter/preservar o Patrimônio Cultural material e imaterial da localidade e região.

Nesses 30 anos de existência o Museu Histórico de Pinhalzinho, além de prestar serviços significativos para a comunidade local e regional, no que tange a promoção da Educação Patrimonial, obteve grandes conquistas.

Em 2005 o Museu Histórico de Pinhalzinho foi contemplado com o Projeto Modernização de Museus, o qual foi encaminhado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão ligado ao Ministério da Cultura. Assim e em parceria com a Prefeitura Municipal foram investidos vinte e cinco

mil reais na instituição, aplicados na compra de mobiliário para exposição de seu acervo permanente.

Já no ano de 2007, através do mesmo projeto, agora contemplado pela Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Cultura de Santa Catarina (SEITEC), o Museu Histórico de Pinhalzinho recebera vinte e oito mil reais, aplicados na compra de mobiliário e equipamentos para o setor educativo/pedagógico do Museu: notebook, Data Show, máquina fotográfica digital.

Nesse sentido, o de promover políticas públicas que venham agraciar a comunidade em geral, devo destacar a importância de parcerias entre as esferas Federal, Estadual e Municipal para a realização dessas ações, no que tange à Educação Patrimonial. Contrapondo toda e qualquer morosidade que possa existir entre ambas. Mostrando, assim, que a harmonia entre as esferas e poderes que constituí nossa federação, através de todo e qualquer projeto dos mais diferentes segmentos, terá êxito em sua produção e aplicação na comunidade em geral

Dois anos após essa grande conquista, e por meio do Edital Elizabete Anderle, disponibilizado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o Museu Histórico de Pinhalzinho foi contemplado novamente com o projeto “Casa de Chão Batido: representação da história dos caboclos do Oeste de SC”. Projeto que tem por finalidade representar e tornar conhecida, por meio de uma exposição itinerante, a história, os costumes, a cultura e o modo de vida dos caboclos dos municípios de Pinhalzinho, Modelo e região.

No que se refere à configuração do Museu Histórico de Pinhalzinho, esse, atualmente, apresenta um acervo configurado aproximadamente em: 500 objetos/peças, 200 fotografias catalogadas e mais de 1000 em fase de catalogação, 570 documentos catalogados, 50 depoimentos orais, mais de 1000 exemplares de livros doados pela Câmara Municipal de Vereadores do Município de Pinhalzinho, os quais faziam parte da Biblioteca particular dos irmãos Miguel e Gabriel Schaff<sup>ii</sup>. Os documentos, fotogra-

fias, os objetos, juntamente com os livros, estão à disposição dos professores, pesquisadores e demais interessados em realizarem pesquisa ou análise das informações neles contidas.

Sendo assim, o Museu Histórico de Pinhalzinho disponibiliza às instituições de ensino do município e da região, bem como a população geral, exposições e esclarecimentos referentes às seguintes temáticas: Arqueologia regional (oeste de Santa Catarina), Migração e Colonização do Município, História Regional, Lazer e Sociabilidade e Formas de Trabalho e socialização.

Nesses quase dois anos de participação no museu histórico de Pinhalzinho, estou tendo a possibilidade de associar e aplicar alguns conceitos e teorias que o curso de História Licenciatura Plena – oferecido pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) – através de uma memória calcada nas experiências da minha própria vida:

Não me sinto constrangido pelo fato de que, ao apresentar os [...] juízos de valor quanto a processos passados, seja de maneira clara e incisiva, seja na forma de ironias e apertes [...] o historiador examina vidas e escolhas individuais, e não apenas acontecimentos históricos (processos). (THOMPSON, 1981, p 53).

Estou presenciando que, ao escolher uma licenciatura para a formação profissional, há por detrás dessa um leque profissional que vai muito além das salas de aula. Isto é, como todo e qualquer outro curso de graduação, a História – através de especializações lato ou Stricto Senso – pode proporcionar para seus interessados diferentes campos de trabalho, os quais perpassam desde a de educador/professor, até lidas de cunho estritamente científicos, como a arqueologia, museologia e outras.

Para finalizar, quero ressaltar que a formação acadêmica no curso de História, além de proporcionar um leque de possibilidades profissionais, pode proporcionar a seus interessados, uma visão de mundo em outras “situações já vividas, passíveis de ser exploradas pelo historiador” (SCHMIT; CAINELLI, 2004, p.90),

trazendo possíveis respostas, a diferentes mazelas. Em outros termos, a formação acadêmica ligada a Ciências Sociais e Humanas – e, sobretudo, em História – disponibiliza “o estudo das dimensões históricas locais e regionais, [...] em suas múltiplas dimensões temporais, espaciais, conjunturais e estruturais” (SANTA CATARINA, 1998, p. 165).

## Notas

\* Graduado em História Licenciatura Plena pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

<sup>2</sup> Gabriel Schaff e Miguel Schaff são membros de uma família pioneira no município de Pinhalzinho, onde o primeiro foi prefeito no mesmo município nos de 1969 a 1973, e seu irmão professor universitário. Isso explica o grande volume de exemplares.

## Referências

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó: Grifos, vol. 14, n 12, p. 179, dez. 2000.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor(a) de história**. 2005. 518 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: educação infantil, ensino Fundamental e Médio: disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998. SCHMIT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.